

A VOCAÇÃO SACERDOTAL

Humberto Robson de Carvalho ¹

Introdução

Deus, autor e senhor da vida, continua chamando homens e mulheres de todos os lugares e circunstâncias para contribuir com a transformação do mundo. Chamou Abraão, Moisés, os profetas, Maria, Pedro, André, João, Mateus, Paulo e tantos outros. O chamado de Deus requer uma resposta afirmativa daquele ou daquela que é escolhido ou escolhida por ele. Trataremos nessa reflexão a vocação específica do ministro ordenado, isto é, do padre: a vocação sacerdotal ou presbiteral. ²

A vocação, a identidade e a missão do sacerdote, configuradas ao estilo bondoso, generoso e amável do Bom Pastor, são concretizadas quando o padre exerce a sua paternidade vocacional e espiritual, dando o melhor de si em favor dos seus. O padre, exerce verdadeiramente, a sua missão profética sacerdotal quando acolhe, ama, respeita, anima, celebra, solidariza, corrige e serve todos aqueles que estão sob a sua coordenação. A vocação sacerdotal faz do ministro um homem profundamente humano, inteiramente de Deus, plenamente identificado com a Igreja e totalmente dedicado à missão.

¹ Humberto Robson de Carvalho. Pertence ao clero da Arquidiocese de São Paulo (pároco da Paroquia Nossa Senhora Aparecida – Região Episcopal Santana). É mestre em Educação, especialista em Catequese, Espiritualidade e Liturgia, graduado em Filosofia, Pedagogia e Teologia. Membro da Sociedade Brasileira de Catequese (SBCat). Publicou artigos em revistas nacionais e pela Paulus, vários livros. Pregador de Retiro para seminaristas e padres diocesanos. É também palestrante.

² Este artigo foi elaborado principalmente a partir dos seguintes livros: CARVALHO, H. R. Padre diocesano: vocação, ministério e missão. São Paulo: Paulus, 2023, p. 11-13; CARVALHO, H. R., LORENS, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2022, p. 51-72; CARVALHO, H. R. Presbíteros: testemunhas da esperança. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 21-79; CARVALHO, H. R., FREZZATO, A. Padre diocesano: a alegria e amar servindo e servir amando. São Paulo: Paulus, 2022, p. 11-22 e CARVALHO, H. R. Maria: mãe, catequista e mistagoga. Aparecida: Santuário, 2023, p. 55-58. O artigo em questão foi publicado no livro Vocação: luz para ver, força para querer no contexto do Temário das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) para o ano de 2024, p. 95-101.

1 Compreensão do sacerdócio no Antigo e no Novo Testamento

A vida presbiteral é reflexo do mistério pascal de Cristo. A missão do padre deriva da entrega que Jesus faz de si mesmo. O sacerdócio ministerial está profundamente ligado à sacramentalidade do corpo místico de Cristo, Mestre e Senhor. A palavra sacerdote vem de *sacer*, que quer dizer, sagrado, e *dare*, *dotare*, aquele que pode oferecer o sagrado, do grego *hierous*, santo. Em todas as religiões, compreende-se o sacerdote como aquele que é o responsável para fazer a mediação entre Deus e o povo. É interessante notar, que no Antigo Testamento, em Israel, todos eram considerados como povo sacerdotal (cf. Ex 19,6), no entanto, entre eles, Deus escolheu um grupo, da tribo de Levi, para exercer o ministério litúrgico.

No processo vocacional do Antigo e do Novo Testamento percebe-se que há a identificação de três classes de sacerdotes e que por sua vez, possuem funções diferenciadas. Eles exercem diversas funções: são responsáveis pela organização do santuário, presidência das liturgias, guarda da arca, execução dos sacrifícios e ritos de consagração e purificação, entre outras responsabilidades. Podemos afirmar que existem aspectos comuns entre o AT e o NT em se tratando da compreensão de sacerdócio.

No Novo Testamento, é Jesus o único e eterno sacerdote. É nele e em relação a ele que a vocação sacerdotal encontra seu sentido e deve ser refletida. A vida de Jesus é apresentada no Novo Testamento como o cumprimento daquilo que no passado os profetas haviam anunciado a respeito dele. Ele se apresenta como o verdadeiro profeta e anuncia a mensagem que Ele é (cf. Jo 1, 14). Nele se condensa o altar, o sacerdote e a vítima. Por isso, afirmamos que ele substitui a existência dos sacerdotes e dos sacrifícios de acordo com a tradição do AT. Tão somente Jesus é o único e eterno sacerdote.

Na Igreja primitiva, de modo especial em Antioquia, quando ainda estavam nascendo os diversos serviços e carismas e que mais tarde seriam organizados hierarquicamente (cf. At 13,1), já se tem notícias de orações específicas para as ordenações tais como a imposição das mãos e a prece de ordenação. Nesse período o ancião ou o presbítero era o membro responsável pelo cuidado da comunidade. Somente a partir do século III e IV é que a

organização e a sistematização do ministério enquanto tal vão se estruturando hierarquicamente.

2. Teologia do Ministério Sacerdotal

No período dos padres da Igreja, isto é, até por volta do século V, eles consideravam o ministério presbiteral numa perspectiva eclesial e pneumatológica. Somente a partir do século XIII é que vai aparecer a dimensão cristológica centrada nos poderes sacramentais. Foi o Concílio de Trento (1545-1563) que estruturou a teologia do ministério sacerdotal determinando que o sacerdote é o mediador e ministro dos sacramentos. Desse modo se estabelece uma teologia dogmática do sacramento da Ordem.

Por ocasião do Concílio Vaticano II (1962-1965) coexistiam duas concepções de sacerdócio: aqueles que compreendiam o sacerdócio desde a evangelização e aqueles que entendiam a partir do culto. O referido Concílio fez uma síntese de ambas as posições ao relacionar o ministério presbiteral à Eucaristia e à missão. E mais: o Concílio estabeleceu o equilíbrio entre as três funções do ministro ordenado: a missão profética de proclamar e ensinar a Palavra de Deus, o poder sacerdotal de celebrar os sacramentos e, em particular, de consagrar e oferecer o sacrifício eucarístico e a responsabilidade pastoral de conduzir o povo de Deus.

Outro elemento muito importante no que diz respeito à nomenclatura das expressões refere-se ao termo sacerdócio e presbítero. O Concílio por meio do Decreto *Presbiterorum Ordinis*, específico para a vida dos padres, passa a preferir o uso da palavra presbítero em vez de sacerdócio. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, documento que trata da vida da Igreja apresenta a relação do padre com Cristo, com o bispo, com os demais membros do presbitério e com o povo de Deus. O referido documento dogmático afirma que a relação do padre com Cristo constitui a essência da identidade presbiteral. Ele se torna um homem consagrado porque participa, na qualidade de ministro ordenado, do sacerdócio de Cristo.

3 A espiritualidade presbiteral: homem inteiramente de Deus e profundamente humano

O ministério presbiteral é vivido e desenvolvido no contexto histórico e, por isso, deve estar atento às problemáticas de cada tempo e sua espiritualidade deve também ser contextualizada. A vida do presbítero tem de estar em profunda intimidade com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo. O presbítero recorda que sempre traz consigo as marcas do mistério pascal de Cristo. É o próprio Cristo que, por meio do presbítero, santifica o seu corpo místico. O padre tem de ser para a sua comunidade paroquial o representante de Cristo. Pela intimidade com o Pai e ao mesmo tempo com o Filho e o Espírito Santo o presbítero na vivência do seu ministério presbiteral é convidado a ser presença visível do amor invisível de Deus.

Cultivando a espiritualidade presbiteral o ministro ordenado cuida pacientemente de suas ovelhas e por sua vez, deverá permitir que outros também cuidem dele. O padre nutre um amor de identificação com o Cristo Bom Pastor. Por isso, torna-se homem de comunhão, de relação e de santidade. Espelhando-se no Cristo Bom Pastor, o presbítero consegue superar as suas fragilidades humanas, alcançando o equilíbrio afetivo, emocional, pastoral e intelectual, tornando-se para a comunidade paroquial o pai, o irmão e o servidor por excelência.

O presbítero, na vivência de sua espiritualidade torna-se um autêntico discípulo missionário a serviço da vida e da esperança do seu povo. É um homem que, apesar de todo sofrimento que pode carregar consigo, é capaz de superá-lo com esperança e otimismo, pois sua vida está marcada pela vitória do Cristo vivo e ressuscitado. Vivendo na dinâmica do mistério pascal, ele torna-se um homem alegre, otimista e esperançoso. O padre, vocacionado do Cristo ressuscitado, há de procurar viver e transmitir a alegria que nasce da fonte pascal.

O padre, investido da santidade do Cristo, Mestre e Bom Pastor, procura viver a santidade de vida traduzida pelo acolhimento, partilha, bondade, generosidade e dedicação ao povo a ele confiado. Se ele pertence ao clero

diocesano, viverá de acordo com a espiritualidade diocesana, se for religioso, de acordo com o carisma do seu fundador. A santidade é um estilo de vida. O presbítero demonstra a sua santidade no seu jeito de ser, viver, falar, atender, agir, comunicar, celebrar. A configuração a Jesus Cristo é um imperativo na vida e na espiritualidade presbiteral. O padre, configurado a Jesus Cristo, é um homem apaixonado por ele e, por sua vez, apaixonado pela sua vida e missão.

A vocação presbiteral requer do vocacionado uma vida profundamente em Deus e ao mesmo tempo inteiramente devotada aos outros. O padre precisa viver inteiramente a sua humanidade, pois ele é humano e não mais do que humano. Conviver no meio de pessoas e ser para elas sinal e portador do amor misericordioso de Deus requer por parte do ministro ordenado equilíbrio e maturidade humana. Por isso, ele tem de estar muito bem consigo mesmo. O cuidado de si em todas as dimensões da vida é uma condição para o exercício de seu ministério presbiteral.

O padre, para uma vivência sadia de sua espiritualidade, de sua vida pastoral e intelectual, necessita de equilíbrio no que se refere ao trato consigo mesmo, isto é, com a sua humanidade. Segundo o papa Francisco, quando a dimensão humana do padre está bem equilibrada, o ministro ordenado consegue cumprir a sua missão de pastor próprio de sua comunidade paroquial. A dimensão humana é a base fundamental para o exercício do ministério presbiteral a serviço do povo de Deus. O presbítero é tanto mais humano quanto mais for capaz de se relacionar com o seu próximo. Ele não pode ter medo de sua humanidade.

Considerações finais

O vocacionado padre é o servidor da Igreja e do povo a ele confiado e que carrega consigo a mística do Cristo, Bom Pastor. É o animador e o coordenador da comunidade paroquial ou de outro serviço indicado pelo bispo ou por seus superiores. O padre é aquele homem de Deus que está sempre “alegre na esperança, perseverante na tribulação e constante na oração” (Rm 12,12). É o grande promotor da vida e da esperança do seu povo, é o profeta da unidade, da verdade, da justiça e da paz. É o homem profundamente humano, mas ao mesmo tempo inteiramente de Deus.

Guiados pelo Espírito, os padres, discípulos missionários, e fundamentalmente homens do serviço, da misericórdia e da samaritanidade, são sinais e portadores do amor invisível de Deus no meio do seu povo. Maria, a filha predileta de Sião, e sempre inspirada pelo Espírito de Deus, ocupa um lugar muito especial na vida e na espiritualidade do presbítero. A devoção mariana é de fundamental importância para a vivência de sua vocação como ministro ordenado. No amor insondável do Espírito, a relação filial do padre com Maria, fará dele um vocacionado inteiramente disponível, humilde, generoso, solícito e sempre de bem com a vida, pois aprendeu da Virgem Mãe de Deus a continuar a dizer: “O Senhor fez em mim maravilhas e santo é o seu nome” (Lc 1, 46).

O presbítero, em sua missão de guia e servidor da comunidade paroquial, terá de confiar sempre na presença carinhosa, bondosa, terna, fiel e disponível da Mãe de Deus em todas as circunstâncias de sua vida ministerial, pois só assim conseguirá ser para o seu povo uma presença contagiante, solícita, disponível, alegre e entusiasta pela causa de Deus, da Igreja e do próximo. Só assim conseguirá viver plenamente a sua vocação como serviço e doação, tendo sempre a consciência de que não se trata de um funcionário da religião, mas um homem dedicado exclusivamente ao Reino de Deus.

A presença maternal de Maria na vida do presbítero o conduzirá em sua missão presbiteral, educando-o em sua humanidade, humildade e disponibilidade. O padre, tendo Maria como modelo, deve deixar-se ser educado por ela, assumindo uma postura de abertura, acolhida, de contemplação do mistério de Deus, que se dá nos acontecimentos de cada dia do exercício de seu ministério presbiteral. A Virgem Maria, em sua maternidade fecunda, é a educadora que conduz o vocacionado padre para torná-lo, a exemplo dela mesma, um ministro autenticamente servidor, disponível, humilde, prestativo, organizado, alegre e sempre “em saída” para ajudar quem dele precisar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, H. R. Padre diocesano: vocação, carisma e missão. Subsídio vocacional. São Paulo: Paulus, 2023.

CARVALHO, H. R. Presbíteros: testemunhas da esperança. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CARVALHO, H. R. Maria: mãe, catequista e mistagoga. Aparecida: Santuário, 2023.

CARVALHO, H. R., LORENS, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2022.

CARVALHO, H. R., FREZZATO, A. Padre diocesano: a alegria de amar servindo e servir amando. São Paulo: Paulus, 2022.